



(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor: — **Dr. Manuel Marques dos Santos**
Composto e impresso na União Grafica, Rua de Santo Marta, 150-152 - Lisboa.

Administrador: — **Padre Manuel Pereira da Silva**
Redacção e Administração: Seminário de Leiria.

CRÓNICA DE FÁTIMA

Fátima, vestibulo do Paraiso

Fátima! Doce e maravilhoso cantinho do Céu! Terra sagrada e bendita, onde incessantemente sopra uma forte rajada de sobrenatural, e se vê, como em Lourdes, o milagre no estado de permanência!

Mais um ano, o décimo, decorreu depois das aparições da augusta Virgem do Rosário e dos estupendos fenómenos astronómicos e meteorológicos, que assinalaram um local árido e deserto da serra de Aire, a popular Cova da Iria, como estância querida e privilegiada do Céu.

Nesse longo ciclo da divina história de Fátima, a gloriosa Rainha dos Anjos não se cansou de fazer descer toda a sorte de graças e bênçãos sobre a alma fundamentalmente cristã do nosso Portugal.

Como a pequena bola de neve, que se forma na cumeada dos Alpes, engrossa cada vez mais rolando de ravina em ravina, de vertente em vertente até se converter na mole gigantesca duma avalanche, assim a devoção à misteriosa Senhora Aparecida foi crescendo e propagando-se pouco a pouco por toda a parte com o valer dos dias, meses e anos, a ponto de assumir nos últimos tempos as proporções assombrosas, inauditas, únicas, da mais colossal manifestação de Fé e piedade do mundo inteiro, eclipsando sob muitos pontos de vista a própria Lourdes, a divina cidade da Imaculada.

Bela, comovente e encantadora devoção, que suave e irresistivelmente empolga e cativa as almas piedosas e puras, fascina e afervora as tíbias e indiferentes, sacode, aviventa e resuscita as que o pecado estiolou ferindo-as de morte, e tantas vezes galvaniza, conquista e transforma em apóstolos aquelas que a descrença e a impiedade haviam tornado intransigentemente hostis! E sobre tudo isso, como outrora na Palestina, durante a vida publica do Redentor, os cegos vêem, os surdos ouvem, os mudos falam, os paralíticos recobram o movimento e a acção e os pobres e humildes são evangelizados.

Bem dita, mil vezes bem dita, a augusta Padroeira de Portugal, que, para salvação de todos nós, se dignou fazer de Fátima, convertida em vestibulo do Céu, um novo trono da sua glória, um novo foco do seu maternal amor e um novo manancial das suas bênçãos, das suas graças e das suas inexgotáveis misericórdias!

Muda e parálitica

Dia treze de Dezembro. São oito horas da manhã. Nesse momento a Cova da Iria está quasi deserta. Apenas um ou outro peregrino circula no recinto das aparições ou nos terrenos adjacentes, aguardando ansiosamente a celebração da primeira missa.

No Posto das verificações médicas o dr. Pereira Gens prepara-se para presidir aos trabalhos de observação e inscrição dos doentes. Meia hora depois, já

o número de peregrinos que se encontravam na Cova da Iria tinha aumentado consideravelmente.

Entretanto aparece no Posto o rev. Manuel de Souza, reitor do Santuário, que anuncia ter-se dado momentos antes uma cura extraordinária. Alguns instantes mais tarde, no Posto de informações e de distribuição da «Voz da Fátima» passa-se uma scena verdadeiramente impressionante. Uma rapariga do povo, acompanhada pelo pai e ladeada de numerosos peregrinos, conta a história da sua doença e da sua cura, verificada uma hora antes junto da Imagem da Virgem do Rosário na capelinha comemorativa das aparições. Chama-se Maria dos Santos, tem dezaseis anos de idade, é natural de Lagarelhos, concelho de Vinhais (Trás-os-Montes) e é filha de Vicente Ferreira Fernandes e Maria Lídia.

Adoeceu há cerca de cinco anos e nunca mais conseguiu recuperar a saúde,

raro de em sua substituição chupar uma laranja. Constantemente deitada num colchão, ao pé da lareira da sua modesta habitação, ali passava os dias e as noites, aguardando resignadamente que a morte viesse pôr termo aos seus sofrimentos e a levasse para o Céu.

A sua região, situada ao norte do país e junto da raia de Espanha, e por isso tão distante da serra de Aire, mal tinha chegado ainda o eco das grandes manifestações religiosas de Fátima e das curas extraordinárias ali operadas por intercessão da augusta Mãe de Deus. Mas ela, cheia de confiança no poder e na bondade da Santíssima Virgem, implora todos os dias a sua protecção maternal e acalenta cada vez mais viva a doce esperança de obter a cura dos seus males.

Por meio de sinais manifesta à família o desejo de ir em peregrinação a Lourdes portuguesa. Os pais, sem recur-

dos Santos, prostrada em frente da Imagem da Virgem, supplica com fervor a sua cura e instantaneamente os seus males desaparecem como que por encanto.

Exultando de alegria, mas serena e tranquila, percorre por seu pé e com a maior facilidade a Cova da Iria em todas as direcções e fala como se nunca tivesse sido muda.

Tendo-se apresentado mais tarde no Posto das verificações médicas perante o director, que constata o seu estado mas se abstém de se pronunciar acerca d'êla, por falta de atestados médicos, experimenta uma grande necessidade de comer e ingere com um apetite devorador uma chávena de café com leite e um bocado de pão que entretanto lhe tinham trazido.

O pai, feliz e contente pela graça recebida, declara que nessa tarde, de regresso a Leiria expedirá um novo telegrama para sua esposa annunciando a cura da filha, e assegura que o povo de quarenta aldeias visinhas da sua acorrerá em massa à orla do concelho para aguardar a sua chegada e admirar o grande prodigio que Nossa Senhora de Fátima se dignou fazer.

As comemorações religiosas

Numerosos sacerdotes da diocese de Leiria, por solicitação do venerando Prelado, partiram no dia treze de manhã cedo para Fátima, afim de confessarem todos os peregrinos que quizessem recorrer ao sagrado tribunal da Penitência e que o não tivessem podido fazer nas suas terras, para se aproximarem da mesa eucarística com a consciência devidamente purificada das suas faltas.

Entre os sacerdotes mais assíduos no exercicio do munus de confessor nos dias treze na Cova da Iria merece especial referência o rev. Magalhães, director espiritual do Seminário de Leiria. Modêlo de ministros do Altíssimo, cheio de zelo pela glória de Deus e pela salvação das almas, aquele illustre ornamento do clero português ocupa constantemente o confessional e exerce o seu sagrado ministério durante horas consecutivas. A obra de Nossa Senhora de Fátima deve a esse dignissimo sacerdote relevantes serviços que ela de certo pagará com largueza e munificência.

Ao meio dia solar, depois da procissão, celebra-se a missa dos doentes, dá-se-lhes em seguida a bênção e por último o rev. Galamba, professor no Seminário de Leiria, sobe ao púlpito e prega um substancioso sermão. Realizado de novo o cortejo afim de reconduzir a Imagem de Nossa Senhora do Rosário para a capela das aparições, os peregrinos começam a dispersar-se e a breve trecho reina outra vez um silêncio quasi sepulcral naquella estância bem dita sobre a qual sem cessar descem a flux as graças de Deus e as bênçãos da Virgem Santíssima.

Visconde de Montelo



UM GRUPO DE SERVITAS

(Outubro de 1927)

Atraz: — Dr. Pereira Gens, director do Posto Médico, Dr. Gabriel Ribeiro, Dr. A. Diniz da Fonseca e Dr. Mendes

a-pesar de ter sido tratada por dois distintos médicos, um de Vinhais e o outro da cidade do Porto.

Após um longo e rigoroso tratamento, que resultou completamente inútil, a sciência humana declarou-a incurável. Fez em treze de Junho último um ano que sua mãe, gravemente doente com uma pneumonia, foi desenganada pelos médicos, tendo recebido piedosamente todos os sacramentos da Igreja como preparação para a viagem da eternidade. Nesse dia a filha, aflita com a perspectiva de ser em breve orfã de mãe, peora imenso, perde a fala e fica de todo parálitica. A sua alimentação está reduzida a um pequeno naco de pão de trigo, que ela ingere de vinte e quatro em vinte e quatro horas, contentando-se não

para uma viagem tão longa e tão dispendiosa, opõem-se formalmente, bem a seu pesar, a esse projecto. Mas a pobre enferma nem por isso renuncia a pôr em execução a sua ideia. Pessoas amigas abrem uma subscrição em Lagarelhos e nas aldeias circunvisinhas e juntam-se os meios necessários para a viagem do pai e da filha.

No dia onze de Dezembro inicia-se a piedosa romagem, carregando o pai com a filha que não podia sequer mover-se. No dia doze à noite apciam-se em Leiria e de lá expedem um telegrama para a terra, comunicando a noticia da sua chegada.

Na madrugada do dia treze seguem para o local das aparições e, logo após a chegada, cerca das oito horas, Maria

AS CURAS DE "FÁTIMA,"

Um eczema.

Maria Fernandes Caramonete, de Ilhavo, informa:

«Cheia de confiança peço a V. Rev. para fazer público na *Voz da Fátima*, uma cura que é ao mesmo tempo uma grande graça recebida de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, em 13 de Outubro passado.

Minha filhinha Conceição, de 4 anos de idade, tendo em Janeiro de 1928 duas dermatoses, uma varicosa, outra saramposa, e tendo recolhido ao corpo toda a varíola depois de saída, nunca mais sarou. Se secavam umas rebentavam outras.

Minha filhinha foi vista pelo médico, que lhe fez diversos tratamentos.



Menina "Conceição Fernandes" Caramonete, de quatro anos, curada em 13 de Outubro de 1928, em Fátima

Descoberto o eczema, minha filhinha entrou em novo tratamento, passou a levar uma série de banhos de luz (ultra violeta, e infra vermelha) de nada valendo.

Depois muitos outros medicamentos, muitos remédios, tudo sem tirar resultado algum.

Disse o médico que tal doença era teimosa, que sendo na pele, havia de custar a sair.

Vendo eu que minha menina não sarava, recorri a Nossa Senhora do Rosário da Fátima e disse à minha filhinha: «Pede, minha filha a Nossa Senhora que te cure, pede muito, minha filha, que és pequenina.» Minha menina, então, erguendo as mãos dizia: «Oh! minha Mãe do Ceu, sarai-me. Nossa Senhora do Rosário, curai-me.»

A todos os momentos pedia a cura a N. Senhora: mas Nossa Senhora não quiz que assim fôsse. Nossa Senhora quiz que se contasse mais uma grande graça. Então Nossa Senhora falou ao coração duma criança ainda inocente, e disse-lhe: «Vem, minha filhinha, vem visitar-me com as tuas feridinhas que eu te darei a cura.»

Minha filhinha, cheia de fé e entusiasmo, dizia: «Eu não saró sem ir a Nossa Senhora da Fátima, quero lá ir com as minhas feridas para Nossa Senhora me ver e quero lá lavar as minhas feridas com água de Nossa Senhora e quando vier venho boa.»

Chegou o mez de Outubro e minha menina, ainda com mais fé, me dizia: «Vamos este mez a Nossa Senhora da Fátima que é para eu sarar.»

Pois bem, assim foi. Levei a minha menina à Fátima, lavei-a com a água santa da Fátima. No dia 13 de manhã, fui ao Posto das Verificações Médicas, onde minha menina foi vista e examinada por dois médicos que conferenciaram e disseram que era mal de pele. Foi apontado o nome, a idade e a terra; foi-me passado o cartão de doente; dei entrada no respectivo pavilhão.

Celebrada a Missa dos doentes e feitas as invocações, minha filhinha então, de mãos erguidas pedia à Mãe do Ceu que a curasse. Pois se Ela é a saúde dos enfermos!

Acabadas todas as cerimónias retirei, mas sempre com a máxima confiança de

que Nossa Senhora podia dar a cura a minha filhinha.

Cheguei a casa, mas sem fazer ideia de a minha menina estar curada. Algumas pessoas que dias antes a tinham visto ainda com bastantes feridas, disseram: «A menina está boa, o que foi que a sarou?»

Só então vi que minha menina estava curada.

Graças a Nossa Senhora do Rosário da Fátima por tão grande milagre.

Minha filhinha nunca mais teve feridas. Tem sido chamada a diversas casas para verificarem o caso e toda a gente afirma ser um grande milagre.

Exclamemos, pois, cheios de fé e entusiasmo, cheios de grande confiança: Viva Nossa Senhora do Rosário da Fátima, que é a Ela que devo a cura de minha filhinha.

Rainha do Santíssimo Rosário, rogai por nós. Saúde dos enfermos, Consoladora dos aflitos, rogai por nós.»

Abcessos exteriores.

Louzada, 20-XII-1928

Desde o dia 13 de Outubro do corrente ano até hoje — 68 dias — é decorrido um lapso de tempo, bastante para que eu continue a manter-me em silencio, deixando que, apenas, alguns impacientes jornalistas se tenham referido ao caso, verdadeiramente extraordinário, da cura milagrosa da Ex.ma Snr.ª D. Maria Margarida Teixeira Lopes, da Casa de Pereiró, deste concelho de Louzada.

Devo quebrar o silencio em que tenho permanecido, tanto mais que a verdade, involuntariamente por certo, nem sempre aílrou de todo, nas correspondências que tenho lido; estas despreziosas linhas servirão, pois, de rectificação áqueles pontos que, indubitavelmente, dela necessitam.

Há muitos anos que tenho sido, em variadíssimas ocorrências, um dos assistentes médicos mais assíduos desta senhora; fui eu quem, numa anuência de dedicação e respeito pela sua fervorosa crença, com minha família, lhe fiz companhia à Cova da Iria, a Fátima, esgotados um sem número de recursos que a arte médica nos facultava, mas que, todos eles, se mostraram inúteis, incapazes de livrar a pobre doente dum sofrimento torturante, arrastado já de há cerca de 8 anos!

Cabe-me, por isso, a honra e a obrigação mesmo de sobre o caso alguma coisa dizer; é o que venho fazer hoje, sem intuitos de discussão e, tão sómente, no propósito de narrar factos, de todo verdadeiros, dos quais cada um tirará as ilações que mais se coadunem com os seus conhecimentos ou com as suas crenças.

Fugindo, quanto possível, da terminologia médica, visto que é, sobretudo, para leigos nessa matéria, que eu escrevo, e porque não são destinadas estas linhas a jornais científicos, direi dos factos em termos os mais singelos, os mais simples que ser possa.

Com inteiro assentimento da Ex.ma Snr.ª D. Maria Margarida Teixeira Lopes, faço algumas referências ao seu passado doentio; melhor juizo ficarão formando, os que me lerem, da extensão da via dolorosa que tem sido a vida desta senhora.

As manifestações nervosas, e doutra natureza, começaram a desenrolar-se, em tenra idade, como primeira herança de seus maiores; dedicou-lhes inicialmente os seus cuidados profissionais o médico da família, que foi o abalisado clínico Dr. Marnó e Sousa.

O conhecido especialista portuense, Dr. Teixeira Lopes, operou-a de tumores na garganta.

Apareceram, de seguida, os primeiros rebates alarmantes de perturbações nervosas, em agravamento caminhando tanto que se julgaram indispensáveis os socorros de clínicos especializados nestas doenças: examinaram D. Margarida o sabio neurologista Dr. Magalhães Lemos, o já falecido Dr. José de Magalhães e prestou-lhe assistência clínica durante longos mezes em isolamento completo por casas de saúde, ou mesmo sem isolamento em repetidos períodos, o também especialista em doenças nervosas, Dr. Bahia Júnior.

Em quaisquer intervalos e em imergências afflictivas foi reclamado o meu humil-

de concurso que, em homenagem à verdade deve dizer-se, resultou só parcialmente e temporariamente vantajoso como, aliás, aconteceu sempre com os tratamentos especializados: todos os recursos científicos ficaram, nestes transes, muito à quem do que eu e, certamente, os meus illustres colegas desejávamos.

Nestas condições, e volvidos largos anos de múltiplos tratamentos, contraíu D. Margarida o seu casamento com o Ex.mo Snr. José Teixeira Lopes; a breve trecho, confirmadas as esperanças de descendência, desenharam-se novos sombrios horizontes que obrigam a recorrer, agora, à medicina especializada em sofrimentos pulmonares: como tuberculosa avançada é tida pelo colega Dr. Pinto Leite que a examina aos Raios X, mostrando à vista da própria mãe de D. Margarida numerosas cavernas; nesta orientação é encaminhada a doente para o exame do Dr. Ramalho que, confirmando o diagnóstico feito aos Raios X a médica de conformidade e, à vista do agravamento sempre crescente do mal, lhe aconselha uma estada no Caramulo e opina pela interrupção indispensável da gravidez.

Não se utilizou D. Margarida destas indicações e, com relativa felicidade, embora com muito sofrimento, consegue beijar a primeira filha que viu crescer e vingar, muito acarinhada de pessoas amigas, apesar do seu infimo peso de 900 e tal grammas!

Foi, justificadamente, vedado a D. Margarida, fazer a amamentação materna, pelo estado abatidíssimo e suspeito do seu organismo.

Não se haviam recuperado ainda as aquebradas forças quando, poucos mezes após o nascimento da sua filhinha é, tão mortificada creatura, assaltada por um novo sofrimento: aparece-lhe um volumoso abcesso na côxa esquerda próximo do Joelho; tratado como é de uso fazer-se a tumores desta natureza, lancetando-o amplamente e desinfectando com cuidado, em breve se viu cicatrizado, são.

Mas, depois deste aparecem, e são tratados de igual forma, outros e outros,



D. Maria Margarida Teixeira Lopes miraculada em Outubro último

muitos outros, às centenas durante anos seguidos!!

Nasce mais um filho, em meio de tanto sofrimento, um pouco mais robusto este filho do que sua primeira irmãsinha; faz-se a amamentação materna imposta pela vontade de D. Margarida e faz-se durante longos 20 mezes, sem uma espinha no *pimpão*, que era um encanto de pujante nutrição à custa dum organismo cheio de sofrimento e de alimentação difícil.

Decorrem os anos e não há forma de livrar a pobre doente da praga dos abcessos; emprégo quantos meios vejo indicados em revistas científicas, mas tudo em vão!

Toma conhecimento destes factos o Dr. José Malheiro, aqui sub-delegado de saúde e médico municipal que, aos meus embargos, junta, apenas, os seus embargos.

Trata dos mesmos incómodos, e em diferentes ocasiões, o Dr. Campos Monteiro que, em S. Mamede de Infesta é médico de D. Margarida; observa-a também ali o Dr. Godinho de Faria e todos, absolutamente todos, empregam a melhor boa vontade de curar a doente, mas, infelizmente, ficam-se por aí.

Mandei fazer análise do pús, colhido em um dos tumores, no laboratório do Dr. Alberto de Aguiar e, mais tarde, uma outra análise no laboratório do Dr. Pereira Salgado.

De harmonia com os resultados obtidos, foram feitas repetidas aplicações séro-terápicas por meio de preparados estrangeiros, aplicações estas que resultaram de todo inúteis.

Tentei ainda levar a cabo uma experiência auto-sero-terápica recorrendo a comprovada competência do Dr. Carlos Ramalhão que, por duas vezes, viu a doente no seu consultório; circunstâncias de momento, porque as coleções purulentas estavam ainda em via de formação, contrariaram os meus desejos e os valiosos serviços daquele professor, por forma que não foi possível fazer mais esta prova da incompetência da medicina.

Depois, há 3 para 4 anos, foi a doente à consulta do Dr. Abel Pacheco que, de acôrdo com o Dr. Lopes Júnior, se propoz curá-la dos seus sofrimentos gastro-intestinais e, com toda a facilidade, livrá-la dos abcessos, pondo em acção as suas instalações de Raios ultra-violetas e Raios infra-vermelhos.

Confesso que folguei com a nova, que D. Margarida me comunicou de S. Mamede de Infesta, de que em breve estaria livre dos abcessos; folguei e animeia-a a que, para tão desejado fim, procurasse não se desviar um ápice das indicações que lhe dessem os meus dois illustres colegas.

Durou cerca de um mez e meio este tratamento e os factos demonstraram quanto é certo ser o erro próprio do homem: os tumores continuaram a multiplicar-se insistentes e impertinentes durante esses 45 dias e acompanharam a doente, de seguida, numa estada em Caldelas, donde a vi chegar à sua casa de Pereiró, verdadeiramente às portas da morte, com vários abcessos nas côxas e braços e ainda mais 6 no ventre, ponto em que jamais os havia tido!

Desiludido com mais este insucesso, continuei, como soube e pude, a dispensar os meus cuidados clínicos a D. Margarida, convencido de que, na ótima companhia de muitos e categorizados colegas, me não era desairoso considerar a arte médica ainda muito impotente em vários transes.

Decorreram períodos de acentuado mal estar e de passageiras melhoras; nos últimos 16 mezes passaram-se factos importantes que resumidamente passo a relatar.

Deu-se, e decorreu em meio de mil e um incidentes, a 3.ª gestação de D. Margarida: não pode, durante os 9 mezes, alimentar-se, quasi em absoluto, por suprema intolância do seu estômago; daí a necessidade de alimentar e amparar as suas combalidas forças por meio de injeções diárias de bioplastina; o seu terceiro filho veio ao mundo robusto e pezado com 3 kilos, mais ou menos, e 100 grammas!

Pode dizer-se que foi sustentado em sua vida intra-uterina, no ventre de sua mãe, a ovos de Itália e que a própria mãe singrou, ainda por virtude das mesmas injeções, sempre atormentada por muitos repetidos tumores, que a não deixaram, mesmo no decurso de todo o mez após a *«délivrance»*.

Amamentou o seu filho e bem amamentado, durante 5 mezes, período em

que, a bioplastina continuou a prestar-lhe valioso auxílio.

O desânimo, porém, era cada vez maior no tocante ao flagelo dos tumores que ela é, em verdade, eu viamos eternizar-se, sem mais esperança de cura.

Foi neste estado de coisas, nesta situação angustiosa, amarrada ao leito dias e semanas seguidas, que D. Margarida se lembrou de recorrer a Fátima, envolta em uma incomensurável atmosfera de fé cristã.

Comunicou-me a sua disposição inabalável de em 13 de Outubro se lançar aos pés da Virgem do Rosário de Fátima, pedindo-lhe a cura de tanto sofrimento, para que aos seus filhinhos pudesse dispensar o carinho e amparo de mãe.

O seu estado de saúde era, dias antes, verdadeiramente desastroso e eu, ao pôr-lhe minhas dúvidas quanto à possibilidade de fazer tão longa viagem, ouvi-lhe estas palavras de uma decisão terminante, firme: «ainda que tenha de ser levada na ambulância da Cruz Vermelha, hei de ir, porque tenho a certeza de que serão estes os últimos tumores, se Nossa Senhora assim quizer, permitindo que eu chegue a Fátima; e se morrer na viagem, nem isso me demove; assim, é que não posso continuar a viver.»

Seria, creio eu, incompetência manifesta a daquele médico que, tendo assistido durante longos anos ao fracasso de tantas dedicadas tentativas, desprezasse esta disposição da doente; procurei aceitar e, mais do que isso, exaltar a esperança de D. Margarida na sua cura.

Foi de extrema dedicação em tão dolorosa conjuntura seu marido, Ex.mo Sr. José Teixeira Lopes, acompanhando, da melhor vontade, a peregrinação a Fátima; iria a Lourdes, como iria a qualquer outra parte, em busca de saúde de sua esposa.

Eu mesmo me encarreguei de prevenir os dois automóveis que nos haviam de conduzir, e é com satisfação grande que eu afirmo ter sido um sacrifício agradável a despeza que fiz, contribuindo para tão útil resultado, e que, com minha família, poderia ter feito em qualquer banal passeata.

Por especial deferência para com a doente, e a instâncias repetidas de todos nós, fez-nos companhia a menina Maria Manuela Bouças, prestando serviços de que só ela era capaz, atentas as suas inextinguíveis qualidades de dedicação, desembaraço e bondade!

Por mim e por minha família, deixo aqui publicamente gravado o nosso agradecimento e creio interpretar a inteira vontade da miraculada e de seu marido, repetindo por eles, o mesmo público reconhecimento.

Porque no carro de Pereiró restava ainda um lugar vago e porque o meu amigo Costa Sampaio havia mostrado muito interesse em ir a Fátima, também conosco, convidai-o com o devido assentimento da doente; é mais uma testemunha de vista de como D. Margarida partiu, de como veio e de como se encontra.

Milagre?!

A esta pergunta que tantas vezes tenho ouvido repetir-me, eu respondo: *sim, milagre, porque tal considero a cura verdadeiramente extraordinária de D. Margarida Teixeira Lopes.*

Até ao momento da partida para Fátima já os leitores viram o sudário de sofrimentos desenrolados durante 8 anos.

Do leito, onde permanecia há mais de 15 dias quasi seguidos, saiu a doente amparada por duas pessoas e entrou a custo no auto, em sua casa, acompanhando-a eu até á Villa de Louzada, onde minha família nos esperava; era portadora, nesta data, de 5 tumores formados, dois em supuração aberta e tres ainda fechados mas cheios de pús; os dois primeiros eram situados, um junto do cotovelo direito e outro próximo do joelho esquerdo, obrigando este último a uma posição curvada, nos poucos passos que a doente era obrigada a dar e ainda que cautelosamente amparada.

Os outros tres abcessos fechados encontravam-se tomando toda a espádua direita, sua face posterior e encarregaram-se de, no decurso da viagem, mortificar D. Margarida com dores, a todos os solavancos inevitáveis do carro; resignadamente, na sua fé vivíssima, tudo suportou: «não se pescam trutas a bragas enxutas»...

Saimos de Louzada ás 6 horas da manhã do dia 12 e ás 9 e pouco partimos de sua casa, em S. Mamé de Infesta, onde o marido da doente nos aguardava.

Chegámos a Fátima pelo lusco-fusco da tarde e aquélla noite passou-a toda D. Mar-

garida sentada no seu carro; não pôde ir á procissão das vélas, senão espiritualmente.

De manhã, transportada em máca pelos servitas, foi a doente receber a sagrada comunhão, voltando ao automóvel, depois desse acto que, se é possível, ainda a fortaleceu mais na sua convicção de cura!

Depois de algum repouso e levíssima refeição seguiu, sempre na máca, para apresentar-se ao digno corpo médico que, dirigido pelo Ex.mo Dr. Gens, a recebeu solícito e a examinou muito interessado deante de tão caprichosas manifestações, mórbidas! A historia passada dos seus sofrimentos, exposta ali sucintamente pela propria doente e o exame actual feito, deixaram no espirito dos illustrados clinicos a admiração ante a excepcional doença e a duvida quanto ao seu diagnostico ou classificação, entre tantissimos males de que a póbre humanidade inférma!

Do melhor grado accedi ao empenho, manifestado pelo meu Ex.mo coléga Dr. Gens de o avistar para, sobre o curioso caso lhe dizer duas palavras.

No entretanto, seguira Já D. Margarida para o local das suplicas, considerada como incuravel, pelos recursos da medicina.

Não vi mais D. Margarida senão quando, pelo braço de seu marido, se dirigia para o automóvel, radiante d'alegria e afirmando que Nossa Senhora a tinha ouvido nas suas orações; dispensou, por isso, o auxilio dos servitas, para de novo a transportarem; sentia-se já com algumas forças para publicamente patentear a graça recebida e que, a breve trecho, se evidenciaria em completo milagre, pelo desaparecimento definitivo dos tumores; tinha a certeza disso porque lh'o garantiu Nossa Senhora de Fátima.

Depois de, sempre confiada, assistir a todas as cerimoniaes religiosas, no local onde os servitas a collocaram, ao aproximar-se para lançar-lhe a benção o Rev.mo Bispo de Leiria, D. Margarida perdeu a noção de tudo, só vindo á realidade das coisas, já quando aquele prelado havia lançado a sua benção a mais alguns doentes, que a ela se seguiram na ordem de collocação; não soube, não viu coisa alguma do que, no entretanto, á volta se passou; sabe, apenas, que a Santíssima Virgem lhe segredou a sua cura.

Ao despertar de tão rapido e delicioso sonho, reconheceu cahidos a gáze e o algodão que, devidamente, lhe protegiam o abcesso do braço direito.

Sobresaltada, imaginou-se conspurcada pela supuração e com a mão esquerda procurou aconchegar o tumor com os objectos cahidos; não foi preciso isso, porque o abcesso havia purgado tudo, estava seco e o vestuario não havia mesmo sido atingido pelo pús!

Palpou ainda os pontos do corpo onde os nódulos, ameaçando, á partida para Fátima, dezenas de novos abcessos, tinham desaparecido!

Reconheceu tambem que a sua pele, em vez de grosseiramente pregaminhada, nodulosa, dura, como era desde há muito tempo, nas regiões invadidas, pelos tumores, se apresentava quasi lisa e sensivelmente solta, flácida!

Sentia-os ainda os tres abcessos da espádua direita e o da côxa esquerda em supuração decrescente e facilitando-lhe o movimento, mas que tinha isso? Dizia D. Margarida. Os fenómenos que por si sentiu ao ministrar-se-lhe a benção do Santissimo, eram para ela prova cabal, sufficiente da sua cura definitiva: aqueles seriam os ultimos tumores; tinha a certeza de que muito breve estaria completamente sã.

Pedira mesmá a Nossa Senhora que lhe desse muito sofrimento ainda, se o julgasse do seu agrado e preciso para obter finalmente a almejada cura; iria, assim, afrontar a viagem de regresso que, bem calculava, lhe ia custar muito, fisicamente, mas que moralmente, coisa alguma lhe custaria.

Por volta das 4 1/2 horas puzémos-nos em marcha seguindo pela Batalha; uma estrada péssima até Leiria contribuiu para mortificar D. Margarida que, apesar disso, pelo braço de seu marido, visitou minuciosamente toda aquella Biblia evocadora de grandes feitos.

Pernoitamos, bem mal acomodados, em Pombal e daqui partimos pelas 9 1/2 da manhã do dia 14, seguindo pelo Porto e Famalicão até nossas casas, onde chegamos por volta da meia noite.

D. Margarida recolheu ao leito, naturalmente fatigada, mas alegre, viva, curada dos seus tumores, como não cessava de dizer ao pessoal de sua casa que anciosamente e... duvidoso a esperava; os 4 ou 5 primeiros dias foram tormentosos

e tanto ou tão pouco que eu me convenci de que a fervorosa crente da Fátima não se levantaria mais! Delirou com elevada febre; teve suores profusos em tanta abundancia que 10 e 12 vezes por dia foi preciso mudar-lhes as roupas; teve vômitos, que não pude vêr, mas que devem ter sido de sangue, e tão horrivel dôr lhe appareceu, de seguida, em todo o trajecto da garganta ao estômago e ainda n'este, que não lhe era possível engulir nem mesmo pequenas colheres de leite!

Mediquei-a como julguei oportuno e ao fim de 5 dias as coisas começaram de entrar no melhor caminho: os ultimos 3 abcessos da espádua estavam quasi cicatrizados e nem um só nódulo se desenhava, ameaçando qualquer novo tumor.

A doente alimentava-se, por imposição minha, só a leite e de dia para dia ganhava carnes e boa disposição; a 11 de Novembro, quasi vendendo saúde, nutrida, radiante não era reconhecida, em Penafiel, por quem a havia transportado a Fátima no seu automovel!

Hoje, são passados 68 dias sem que a cura possa ser desmentida pelo mais leve indicio e D. Margarida, com mais 10 kilos de pézo, vem a pé todos os dias sacrificados á missa do Senhor dos Afflictos, em Louzada, a dois quilómetros da sua casa!

Julgo-me desobrigado, com estas linhas, das respostas que deveria dar a tantas perguntas que acêrca dêste caso me tem sido feitas e que todas se cifram no seguinte:

Efectivamente, os sofrimentos que mais atormentavam a D. Margarida de Pereiró curaram milagrosamente, por graça de Nossa Senhora de Fátima?

Sim, repetindo e terminando — deu-se uma cura miraculosa ou, então, estou para saber ainda o que seja um milagre.

A população destas redondezas está verdadeiramente maravilhada com tão extraordinário facto e o fervor por Nossa Senhora de Fátima tem crescido e crescerá, sem dúvida e com toda a razão, cada vez mais.

Joaquim Hermano Mendes de Carvalho

Dádiva singular...

Era a festa dos Reis — a última do ciclo Natalicio — e por isso a igreja estava naquele dia mais cheia do que de costume.

Velhos que em dias mais inverniços temiam deixar pelo caminho o pouco calor de que ainda vivem; rapazes que, em dia de divertimento numa freguesia vizinha, ali iam ouvir a Missa, crianças a quem a idade e por vezes a incúria dos pais de ordinário retinham em casa vinham-se, naquele dia, juntar á multidão dos fiéis mais assíduos e pôr assim o templo a regorgitar de gente.

O dia estava realmente lindo. «Um dia de rosas» diziam os velhotes. Daqueles que semeados pelo inverno fóra parecem destinados por Deus a aquecer-nos e ás coisas que nos cercam como a lembrar-nos o plácido, creador e bemfazejo sol da primavera, do estio ou do outono.

Geara, mas de encontro aos raios de sol depressa éstes ficaram vencedores e a geada transformada assim numa subtil neblina parecia a principio vingar-se déles encobrendo-lhes a terra.

A' hora porém a que o sr. Prior chegou da capela aonde ia dizer a primeira Missa já tudo se tinha dissipado.

Frescalhote sim, lá isso é verdade, mas amorável e até mesmo tépido nas soalheiras mais abrigadas, aquele dia encantava pelo ar diáfano e puro, pelo céu de anil que graciosamente o vestia.

A assistência, o tempo e sobretudo a solenidade litúrgica do dia influíram poderosamente no ânimo do bom prior.

Ordinariamente fleugmático na exposição da doutrina, naquele dia a sua palavra tinha não sei que encanto, que maioridade desacostumada e arrastadora que prendeu a atenção de toda a gente.

Não sei que tem o nosso povo que, deante dos mistérios da vida de Nosso Senhor, quando se lhe explicam convenientemente, fica como ancioso e insatisfeito por mais que oiça dizer.

Cá a mim parece-me que é um real «sensus Christi» um instinto de Cristo que assim o torna sequioso da palavra divina quando ella é realmente divina.

Era zeloso o pároco daquela aldeia. Eu conheci-o desde criança.

Mas, ou por influencia de velha escola ou a exemplo de outros colegas, ou talvez por excesso de trabalho, deve-se dizer em abono da verdade que quasi nunca preparava as homilias.

Pregava então banalidades?

De forma alguma. Mas a doutrina saía assim, á maneira da água pelas trovoadas. Ora lá vinha de enxurrada um grupo de ideias e conselhos aproveitáveis ora pisando e repisando, rechovia brandamente o que o auditório mal comprehendera da primeira vez.

E o povo notava isto.

Mas naquele dia não foi assim. Preparou-se e a homilia foi magistral.

* * *

E' o dia de Reis, a Epifania do Senhor. Dia lindo em que na lapinha de Belem o presépio se transforma em trono, as palhas fazem de manto e os Magos de servidores.

Os pastores, fiéis Israelitas são substituídos pelos Gentios a quem o Senhor se manifesta.

Que encanto, que graça, que donairoso porte o daquele bemdito Menino!

Os Magos veem, com a homenagem do seu amor, trazer o contributo da sua riqueza, em reconhecimento de soberania.

E áquele Menino entregam, depositando-lho aos pés, um rico presente de ouro como a rei, incenso como a Deus, mirra como a homem.

Parece-me ver o Menino Jesus, cuja graça ia interiormente movendo e iluminando as almas dos Magos, agradecer-lhe externa, sensivelmente, aquella prova palpável do amor déles. Há-de-lhes ter dado um lindo sorriso ou ao menos terá posto no olhar um quê de sedutora e apaixonada gratidão que os transforma ali mesmo em apóstolos e missionários — os primeiros do seu Nome bemdito.

No dia de hoje pede-nos Jesus, pede-nos a gratidão que lhe ofertemos alguma coisa.

A Ele o Nosso amor, o nosso coração. Para os pobres gentios que aos milhões o desconhecem ainda, a nossa esmola generosa que faça progredir e aperfeiçoar as nossas missões.

Demos, pois, todos. Demos generosamente que o Senhor pagar-nos-há tambem em graças mil e em troca peçamos-lhe que se manifeste perfeitamente, abertamente na nossa alma.

* * *

Foram aqueles pouco mais ou menos os pensamentos que o sr. prior apresentou mas debaixo duma roupagem que condizia com as circunstâncias da festa — uma roupagem verdadeiramente oriental.

Foi tal o calor e o ardor da convicção com que êle falou, naquele dia, que os paroquianos quasi o não reconheciam. Parecia outro...

O que faz um pouco de reflexão e de ordem naquilo que se vai dizer quando se lhe junta a graça e o auxilio do Senhor!...

* * *

A um lado, dominando de perto o presépio e o altar mór, estava um rapaz cujo aspecto indicava ser abastado.

Desde o principio da Missa seguia o Missal dos Fiéis. O seu apromo e rigor nas cerimoniaes eram notáveis.

Quando ao ofertório se lhe aproximou o saquinho, que pessoa piedosa confiadamente lhe abria deante, o rapaz levou a mão a um e outro bolso, correndo-os todos em vão.

— Desculpe... que não trouxe nada. Eu dou logo depois da Missa.

Aquilo deixou-o porém desconcertado. A prática do sr. prior abalara-o profundamente, sobretudo, ao falar dos sacrificios e necessidades dos missionários.

Quiz continuar a seguir o missal mas foi-lhe impossível.

Fechou-o, recolheu-se profundamente e foi meditando no que ouvira.

Desde logo elevando-se a alma e o coração se lhe abriram numa oração.

Aquele Menino parecia crescer, crescer e falar-lhe no íntimo da alma...

E êle sequioso das Suas palavras: «Falaí, Senhor, manifestai-Vos claramente a esta pobre alma, a este coração que por Vós palpita.

Se aos Magos o vosso olhar fez Apóstolos, que a mim a vossa graça me torne fervoroso e santo.»

E a figura do Menino parecia crescer

erescer e falar-lhe do intimo do coração...

E é ardente de amor: «Eu sinto oh bom Jesus que quereis falar-me, que me falais já. Mas a Vossa voz chega confusa. Aclarai-a. Parece-me que quereis de mim alguma coisa... O que tenho é vosso.»

E a figura do Menino parecia crescer crescer. Era já um homem perfeito. E aproximando-se dele como que lhe falou dentro d'alma.

E é anciso a ouvir. As palavras eram assim:

«O que é teu de que me serve se a tudo eu tirei do nada, se de tudo sou Senhor?..»

Uma coisa queria que é bem tua — a tua vida, o teu amor.

Dá-m'a. Vem e segue-me!

Tocara a terceira vez. Num acto de amor e de entrega o jovem como se nada fosse, humildemente:

Senhor eu não sou digno!..»

A acção de graças foi longa e profunda. No fim pela igreja deserta avanço de passos trémulos em direcção á sacristia.

Estava no ultimo ano de engenharia, quasi a completar o curso, numa altura em que tudo sorria á volta dele, convidando-o a entrar na vida.

E é a Vida que o chama agora... Vai. Comovido, deante do prior meio admirado, exclama:

— Senhor Prior venho trazer-lhe o meu óbolo para as Missões.

— Muito obrigado, senhor engenheiro.

— A voz de Deus fez-se ouvir dentro em mim, ecoando ao som da de V. Rev. cia

O óbolo é pequeno, modesto, dum valor quasi nulo... Mas é tudo quanto posso dar...

... Sou eu mesmo!

Um silencio rápido mas sinificativo seguiu estas palavras do jovem engenheiro.

Convenceu-se da realidade o prior, de lágrimas nos olhos, abraçou comovidamente, affectuosamente o futuro levita do Senhor.

Passou-se quasi um mez a estudar e a decidir junto da familia o que interiormente já ficara resolvido. E no dia 2 de Fevereiro seguinte, quando a Igreja comemora a apresentação do Menino Jesus no Templo, batia o nosso engenheiro a porta da casa duma congregação religiosa missionária onde anos depois celebrava a sua primeira Missa.

O bom prior gostava de contar esta historia muitas vezes e exclamava sempre como naquele bendito dia de Reis: «Que dádiva singular!..»

(40\$00), Antonio Martinho (23\$00), Manuel Rodrigues Piedade (20\$00), José Silva (20\$00), Carlos P. Costa (15\$00), Manuel Pereira Costa (15\$00), Carlota Martinho Machado (15\$00), Conde de Campo Belo, Maria Rosa de Paiva Guimarães, Maria Carvalhinha, Maria Almeida (20\$00), Maria da Graça da Camara, Clotilde de Oliveira e Souza, Antonio Lopes de Oliveira, Maria José Fragoso, P.e Carlos de Sá Fragoso, Jacinto Correia (15\$00), Joaquim Monteiro Grilo, Adozinda Neves (15\$00), Maria Genoveva Polvora (15\$00), Clotilde Laberco, Sr. Baldeaz, Ana Floriano, Augusto da Costa Macedo, Rosa Pais Vieira, Joaquim Maria Socero de Brito, Lucinda Magriço Coutinho Martins, Maria Ana Nogueira Martins, Delmira Pais, Isaura de Oliveira Fragoso (20\$00), Francisco Martins Ruivo, Olinda Eugenia Victoria Gonçalves, Emilia Augusta da Silva, Ester Le Retord Guimarães, Miguel Pinto, Albina de Jesus dos Santos, P.e Marceliano Natario, Dr. Armando de Almeida Ferrão Castel Branco Prisco, P.e Ismael Augusto Guedes (20\$00), Maria da Gloria de Sousa, Maria da Graça Machado Sarmento, Maria Joaquina Tavares de Proença Almeida Garrett, Maria Natividade Rendeiro, Serafim Pinto de Almeida, Maria da Piedade Santos, Laurentina da Silva Miranda, Ana Maria Dias de Sá Pereira (13\$00), Julio Gonçalves Ramos (12\$00), Jesuina da Gloria Seixas, Carolina de Jesus, João Severino Gago da Camara, (12\$00), P.e José da Cunha Gonçalves, Maria do Socorro Paiva, Maria da Conceição Santos, Joaquina Tinoco, Luiza de Jesus Manço, Emerenciana Galvão, Alice Sampaio Ribeirc, Mariana Pires, Margarida da Silva Pereira, Manuel Marques Morgado, Hortensia Melo Lemos e Mezezes (15\$00), Herminia Nunes de Carvalho, Porfirio E. da Silva (15\$00), Maria do Rosario Ferreira e Izabel dos Santos Gomes, Carolina Cardoso, Domingos Fernandes, Julia Marques, Maria da Visitação Alves Nunes (12\$50), Antonio Garcia Quinteiro, Manuel Funtão, Ana Garcia Romano, Manuel Garcia Quinteiro, João Luiz Andrade, Amelia Figueira da Silva, Julio Faustino, Gertrudes da Silva Nunes, Maria José Jorge, Joaquina Miranda, Maria Amelia Franco Cunha Matos, Maria do Carmo da Cunha Lemos e Matos, Carlos Nela de Oliveira Barbosa (26\$00), Albertina Queiroz de Lima, João Nunes de Serra e Moura, Agostinho Rodrigues da Bela, Pedro Garcia Rodrigues, Francisco Alberto da Silva.

De jornais: Ana Maria dos Santos Silva, 16\$50; Hortensia de Melo, 15\$00; P.e Abilio da Costa Reis Lima, 60\$00; Clotilde de Jesus Barcelos, 30\$00; João Coelho dos Reis, 50\$00; P.e Tomaz de A. Silvaros, 70\$00; Carmen de Almeida, 25\$20; P.e Augusto Durão Alves, 50\$00; P.e Carlos Nunes, 100\$00; P.e Adriano Pacheco, 50\$00; Alcino de Souza, 45\$00.

Voz da Fátima

Despêsa

Transporte	132.953\$93
Papel, composição e impressão do n.º 75 (51.000 exemplares)	3.204\$25
Sêlos, embalagens, transportes, gravuras e outras despesas	542\$80
Total	136.700\$98

Subscrição

(Janeiro de 1928)

Enviaram dez escudos: Maria Carlota do Prado Fazendeiro, Josefa Candida Alves, P.e José Augusto Rosario Dias (20\$00), Condessa de Saphira, Lia de Macedo, Rita Maria Teixeira, P.e Antonio Rodrigues Pereira, José Fernandes de Oliveira Mendes, Carolina da Silva, C. L. Mendes Mimoso, Estefania Maria da Silva C. Lacerda Mendes, Maria da Gloria Miranda, Maria Candida M. da Silva Sotto Mayor, Maria Beatriz Miranda da Silva, Marguerite Lequin, Antonio Dias Falagueiro (20\$00), Maria Alves Antunes, Laura Barbosa, Maria Marques de Souza, Capitolina Pimenta, Henriqueta Meireles, Emilia Maria dos Santos Costa, Isaura Santos, Julia de Serpa, Adelaide Braamcamp Melo Breiner, Eduardo Camara Carvalho e Silva (20\$00), Gertrudes Maria Fernandes, Isabel Virginia Ribeiro da Costa (13\$00), Rita do Sacramento Moutzaco Alçada (20\$00), Custodio José Lopes, Ema Nunes Santos, Rosaria Morgado, José Augusto Alves, Dulce Martins de Azevedo, Acacio Henriques Vieira, Manuel José Pereira (23\$00), Francisco Ribeiro (62\$00), José Rodrigues Pascoal (20\$00), Amelia Ribeiro Mazzei (20\$00), Manuel Domingos (20\$00), Maria Augusta Vigario (20\$00), Manuel Martinho

UMA VELHA - APOSTOLA

A tia Ana Maria

Foi n'outro dia na Fátima que conheci aquela boa mulher.

Acabara de celebrar na Capelinha das aparições e depois de dar graças, ao sair, dou-me de cara com uma mulherzinha que me queria falar.

— Então que me deseja?

— Eu? Não me conhece?

— Não, senhora. Francamente agora não me recordo.

— Pois eu queria só mandar-lhe saudades para o «Secretário de Nossa Senhora da Fátima. Ele conhece-me bem. Manda-me sempre para lá muitos jornais para eu distribuir na minha freguesia e nas visinhas.»

— E vocemecê distribue-os?

— Ah! não me fica em casa. Mal os recebo, vou logo pelo lugar fóra e levo-os áqueles que mais os estimam e mais precisam deles.

— E eles lêem-nos?

— Lêem, sim senhor. Lêem-nos de ponta a ponta.

Olhe! A gente está muito mal de padres.

A minha freguesia tem prior mas já é velhito e não pode coitadinho! Mas as outras em volta ainda estão peor, nem velhinho o têm. Só quando o nosso por lá vai é que têm Missa ou comunhão.

— Coitados! Estão malzito, estão...

— Vocemecês aqui estão no céu.

Olhe, eu é que tenho de fazer de padre.

— O quê? Vocemecê fazer de padre?

Então vai-se pôr a dizer Missa e a confessar?

— Não senhor. Mas os senhores padres também não fazem só isso, pois não?

— Lá isso não.

— Pois eu faço de padre noutras coisas.

Olhe que eu bem sei o que posso fazer!

E então, como tenho alguma coisinha para comer, vou de vez em quando por aqueles lugares fora, reúnio aquela gente e ensino-os a rezar e faço-os rezar comigo.

— Isso aí a meia dúzia de mulheres...

— Está enganado. Vai muita gente, mulheres e homens também e estão com respeito e fazem aquilo que eu digo.

Sim, que eu às vezes também prego. Aqui nisto é que eu não sei se faço bem ou mal, mas eu faço por bem e Nosso Senhor fica contente porque eu só lhes digo coisas boas: que é necessário que eles sejam bons, resarem, confessarem-se, irem á Missa e por aí adiante.

— E faz isso muitas vezes?

— Muitas, muitas não, mas vou quasi todos os dias, ora a um lugar, ora a outro.

— E vocemecê donde vem?

— Do Ribatejo.

— E' de Santarem?

— Mais abaixo, mas... eu não digo donde sou. Diga só lá ao tal sr. Padre (esquece-me o nome) que a Ana Maria lhe manda muitas saudades, sim?

— Esteja descansada.

Mas já agora sempre gostava de saber o que é que vocemecê para aqui vem fazer, desculpe.

Assim deixa os seus «fregueses»? E tendo uma «freguesia» tão grande...

— Eu não os abandono. Venho trabalhar por eles e para eles.

— Como?

— Ora essa... Venho resar por eles para que Nosso Senhor os converta.

E a alguns já os tem convertido.

— Mas então vem de propósito á Fátima resar pela sua gente?

— Eu a dizer a verdade não venho cá só por isso. Venho por causa do dia 13.

— E vem tão cedo? Estamos a 10!

— Há quatro anos que aqui não falto um só dia 13.

— Mas porque não vem no dia, ou então na véspera?..

— E' que eu venho sempre a pé. Parto de lá uns 4 ou 5 dias antes, venho com o meu vagar e passo aqui algum tempo muito socegada.

Depois retiro-me também a pé.

Assim vou quando quero e por onde quero.

— Tem razão. Mas como é que vocemecê aguenta com a viagem?

— Como aguento? Olhe, senhor padre! Quando a gente vem para cá, com a vontade de cá chegar, nem se sente o cansaço; quando se torna, vai a gente tão satisfeita, tão consolada por ver aqui tanta fé que só se quer apanhar lá para ver se aquilo aquece um pouco.

E assim nunca a gente se cansa.

Eu nunca aqui falto por que eu também preciso de meter carvão na máquina e isto aqui enche-me a alma.

Eu é que já estou velha... começo a ficar trópega.

Mas se eu tivesse menos os meus vinte anos, affianço-lhe que Nossa Senhora da Fátima havia de converter aquela gente toda. Eu não os deixava e mandava-lhes a «Voz da Fátima», e eles haviam de vir.

Assim... pouco já posso fazer. Daqui a nada tenho de marchar. Mas espero que Nossa Senhora me há-de salvar.

Rese pela gente.

— Pois sim; e pelo outro.

E separámo-nos.

A alma é tudo.

Quando arde comunica o fogo.

E a daquela mulher — a tia Ana Maria — estava bem acesa como no meio das rugas acumuladas no rosto pelos seus cincoenta e tal invernos lhe brilhavam duma luz intensa os olhos vivos, serenos e bons.

Com que ardor ela falava!

Com que convicção íntima e sentida!

Agora compreendia eu como aqueles trabalhadores dos casais Ribatejanos e dos montes da orla Alemtejana em frente á terra dela a cercavam respeitosos e a ouviam seguindo os seus conselhos e pondo em prática as suas instruções.

Se pôdia falar!...

Almas daquelas atraem, arrastam, empolgam.

Não há resistir-lhes.

Ela era no meio daquela gente quasi abandonada pela falta de clero uma verdadeira Apóstola.

Ao afastar-me dela ficava-me para sempre gravada na memória a figura dela.

O corpo, o rosto, o aspecto — era o duma velha vulgar — tipo de mulher gasta pelos anos e pelos trabalhos, baixa, tez tsnada pelo sol.

Mas ela não era isso.

Isso era a máscara, que a verdadeira Ana Maria, a inesquecível e dedicadíssima Ana Maria — essa só se dava a conhecer quando a alma lhe encendia o rosto e lho transfigurava.

E' que então eu vi claramente o que é e o que vale uma alma — mesmo da mais humilde velhinha da minha aldeia — quando essa alma se deixa enamorar de Jesus a ponto de poder com verdade dizer com o Apóstolo: «Já não vivo! Mas é Jesus Cristo que vive em mim!»

Almas assim renovam o mundo.

Mas se cada um de nós no nosso meio á volta de nós fizesse um pouco de apostolado sobretudo onde o sacerdote não pode entrar, como tudo mudaria!

Se no íntimo do lar a esposa cristã soubesse fazer valer as ternuras do seu affecto e os extremos da sua dedicação e amor aprendidos no exemplo de Jesus Crucificado e na comunhão da Sra. Carne Imaculada, para conquistar pouco a pouco depois do coração a alma do marido e a entregar ao Senhor, ah! como nós veríamos aumentar o número de homens junto da Mesa Eucarística!

E como as familias se tornariam outra vez esses ninhos de encanto e de alegria sã no Senhor!..

E como os filhos — gentis rebentos de tal amor — seriam uma esperança para a familia, para a Igreja e para a Sociedade.

Se cada mulher cristã desde o mais fino e mais nobre salão ao mais humilde tugúrio perdido nas dobras dos montes — senhoras, empregadas, artistas, operárias, filhas de familia, creadas — soubesse imitar esta pobre mulher que tanto me edificou com a oração, com o exemplo, com o conselho, ocupar-se um pouco da salvação dos que as rodeiam, ah! então reinaria em breve Jesus Cristo nas almas de todos os Portuguezes.

Oremos, sacrifiquemo-nos, trabalhemos todos que a seara é grande!

Esmoirs obtidas em várias Igrejas quando da distribuição de «VOZ DA FÁTIMA»

Na Igreja do S.S. Coração de Jesus, em Lisboa, por mão da Ex.ma Sr.ª D. Maria Matilde da Cunha Xavier, em Novembro de 1928 ... 30\$05

Na Igreja de S. Mamede, em Lisboa, por mão da Ex.ma Sr.ª D. Noémia Rôlo, em Outubro e Novembro de 1928 ... 15\$00

Na Igreja de S. Tiago de Cezimbra por mão da Sr.ª D. Gertrudes do Carmo Pinto, no mez de Setembro de 1928 ... 28\$00

Amôr á Santa Eucaristia

Muitas vezes, durante a Missa, Santa Catarina de Genova, era arrebatada em extase e voltando a si pela Santa Comunhão, exclamava: «Ah! Senhor eu creio que se estivesse morta, resuscitaria para vos receber e se me apresentassem uma hostia não consagrada eu a distinguiria como se distingue a agua do vinho.»

Os sacerdotes eram para ela (assim o repetia muitas vezes depois da sua conversão) objecto duma santa inveja. Invejava-lhes a felicidade de comungarem quando quizessem e sem que ninguem nisso reparasse, a de poderem tocar com suas mãos no Santissimo Sacramento e sobretudo a de celebrarem tres Missas no dia de Natal.